

A CIÊNCIA MODERNA E OS SEUS LIMITES: UMA MEDITAÇÃO SOB O OLHAR DE MARTIN HEIDEGGER

Katieli Pereira¹

RESUMO: Desde o século XVII, em obediência ao primado do *método*, pensadores colocaram o saber prático e o saber teórico a serviço do aperfeiçoamento e desenvolvimento da ciência, convictos de que somente o fazer científico poderia oferecer uma via de acesso segura à verdade. Por conseguinte, esta forma de sapiência atingiu tamanha projeção que passou a contornar a maneira humana de existir na vida política, na educação, na indústria, na filosofia e até mesmo no senso-comum. Com isso, foi erigida como norma e modelo de conhecimento para o homem, a ponto de este tornar repreensível qualquer outra forma de perscrutar os fenômenos que não vá de encontro aos moldes científicos. Tendo isso em vista e com o intuito de oferecer uma nova perspectiva para esta que mudou o destino do Ocidente, discorreremos sobre a meditação que o filósofo Martin Heidegger desenvolve acerca da Ciência Moderna, atendo-nos em especial às conferências *O que quer dizer pensar?* (1952), *Ciência e Pensamento do Sentido* (1953) e *A Questão da Técnica* (1953). Com efeito, o objetivo no fulcro de nossa investigação é compreender a caracterização heideggeriana de ciência como “teoria do real”, bem como aclarar o que se encontra encoberto naquela que se tornou uma das frases mais polêmicas do filósofo, quando vem a afirmar, numa de suas conferências, que “a ciência não pensa”. De antemão, asseguramos que ao oferecer essa perspectiva, entrementes embasada no rigor do exercício fenomenológico, não temos por desígnio aviltar a prática da ciência, mas ponderar criticamente sobre a sua maneira de compreender e conceber os entes, assim como meditar acerca do poder que ela incide sobre o homem e os possíveis limites no interior do que concebe como “o conhecimento verdadeiro”. Dito isso, a pergunta que nos provoca a desenvolver este trabalho, portanto, é uma só: o que se deixa escapar quando enclausuramos o nosso olhar única e exclusivamente ao saber científico? Solicitados por esta pergunta, nos dedicaremos em esboçar uma resposta.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência moderna. Fenomenologia. Pensamento calculador.

INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Psicologia pela PUCPR, mestranda em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail: Katieli.p@outlook.com.

O texto que ora se apresenta é resultado da comunicação exposta na vigésima sexta Semana Acadêmica de Filosofia da UNIOESTE, no ano de 2023. Seu conteúdo expressa os saldos parciais do primeiro capítulo de uma pesquisa de dissertação em andamento na mesma instituição. Assim, considerando a proposta pensada para a comunicação, qual seja, uma meditação acerca da caracterização e limites da ciência moderna a partir da visada heideggeriana, ponderamos guiar o nosso texto a partir da seguinte questão: o que se deixa escapar quando enclausuramos o nosso olhar única e exclusivamente ao saber científico? Para o pontapé deste trabalho, tematizamos a polêmica frase pronunciada por Heidegger em algumas de suas conferências e em uma entrevista, em que o filósofo assevera que “a ciência não pensa”. Nosso intuito, com isso, visa esclarecer o que se encontra no cerne desta declaração que, em verdade, não carrega um tom de repúdio ou aviltamento. Para tanto, foi elementar trazer a lume considerações sobre as noções de “pensamento calculador” e “pensamento do sentido”, desenvolvidas, sobretudo, na obra tardia de Martin Heidegger.

DESENVOLVIMENTO

No percurso da conferência *O que quer dizer pensar?* (1952), Heidegger (2012, p. 115) declara que “a ciência não pensa”, afirmando, nos instantes seguintes, que “das ciências para o pensamento não há nenhuma ponte, mas somente um salto”. As frases, que retiradas de seu contexto original são dignas de causar espanto, ecoam ainda hoje nos círculos universitários decaindo em discursos que obscurecem os seus sentidos. Afinal, teria um dos filósofos mais notáveis do século XX tentado aviltar o fazer intelectual dedicado às ciências? Seria ele um tipo negacionista fiado a discursos subjetivistas?

Antes de propriamente adentrar a estas questões, cabe assinalar que não é incomum vislumbrar na obra heideggeriana alusões às mais insignes teorias científicas e aos seus respectivos fundadores, cujo intuito visa trazer à luz o que cabe se pensar em nosso tempo. Em *A Questão da Técnica* (1953), por exemplo, Heidegger recobra a Werner Heisenberg para falar da teoria da causalidade, já em *Ciência e Pensamento do Sentido* (1953), traz a máxima de Max Planck para versar

sobre a noção corrente de realidade, assim como também o vemos tematizar o espaço-tempo pensando junto a Galileu Galilei e Isaac Newton, em *Seminários de Zollikon* (1959 - 1969). Por fim, em outros trabalhos, aborda os estudos de Leibniz, Einstein e de pensadores modernos que colocam a filosofia a serviço das ciências, num ímpeto de conduzir o leitor a um caminho que o abre à compreensão do *sentido de ser* dessa maneira própria de pensar em nossa era.

Portanto, mesmo que pouco se conheça o empreendimento heideggeriano, notar-se-á, sobretudo nos textos tardios, recorrentes investidas dialógicas com o setor científico, em especial com a física, mas também com a psiquiatria e a psicologia. Ao trazer a lume esses saberes, ainda que assuma uma postura crítica, o filósofo não intenta as repreender, mas deixar ver aquilo que não pode ser captado pelo seu olhar. Por isso, ao ser questionado sobre o sentido de sua afirmação, “a ciência não pensa”, durante uma entrevista concedida a Richard Wisser (1969), Heidegger responde: é que “a ciência não se move na dimensão da filosofia. Mas, sem o saber, ela se enraíza nessa dimensão” (HEIDEGGER, 1969-1996, p. 14). Para esquadrihar seu pensamento, o filósofo oferece como exemplo a física moderna que, com a aplicação deliberada do *método*, consegue elaborar leis, teorias e modelos para discorrer sobre o espaço, tempo e movimento. Todavia, seu método não permite que a física, enquanto física, possa dizer o que ela própria é. O pensamento que zela sobre a física só pode ser, nesse sentido, construído sob o fio de uma pergunta filosófica (HEIDEGGER, 1969-1996).

Contudo, isso ainda não responde o porquê de a ciência não pensar. Afinal, como pode produzir conhecimento aquilo que não pensa? Seguindo a acepção heideggeriana, o *pensamento que pensa* só pode emergir do autêntico fazer filosófico, que se debruça sobre o que é vigoroso e *essencial*, isto é, sobre aquilo permite ao fenômeno o seu aparecimento na presença. Para Heidegger, a medida pela qual a ciência opera é a medida do cálculo que, mesmo que permita a apreensão exata e objetiva dos entes, não se atém à essência mesma das coisas. Desta maneira, centrada na ânsia de alcançar a verdade sobre o que se dá no mundo, a ciência parte de pressuposições e hipóteses que passam pelo crivo de uma afinada observação e experimentação e, a partir disso, constrói uma cadeia de conclusões que atinam ao conhecimento de uma parcela da realidade. Com isso,

ignora que a essência das coisas, ou seja, aquilo que permite o viger do fenômeno, permanece oculto, não se deixa medir. A isto se doa a tarefa do pensamento, ao ato de descobrir aquilo que não se deixa mostrar. Nas palavras de Heidegger: “Toda e qualquer coisa se deixa *demonstrar*, isto é, derivar a partir de pressuposições adequadas. Poucas coisas, porém, e estas ainda raramente, deixam-se *mostrar*, isto é, num aceno, liberar para um encontro” (HEIDEGGER, 2012, p. 115, grifo nosso).

Por isso, quando Heidegger (2012, p. 116) afirma que “o que cabe pensar desvia-se do homem”, refere-se ao fato de que, há muito, o homem crê que aquilo que o afeta pode ser compreendido num olhar que se lança própria e exclusivamente à realidade do real. Entretanto, o que se retrai nos fenômenos, ainda que pareça distante, ausente, se faz vigente, pois, mesmo que a essência das coisas se desvie da apreensão objetiva dos entes, esse desviar não quer dizer desaparecer. Para exemplificar a sua exposição, Heidegger recobra o sentido originário da palavra *memória* face ao fazer *poético*. Assim, *memória*, termo que provém de *Mnemosyne* (*Μνημοσύνη*), diz o nome de uma divindade grega, filha do Céu e da Terra que, ao deitar-se com o sobrinho Zeus, deu à luz a nove musas, dentre elas Calíope e Erato, que representam, respectivamente, a Poesia Épica e a Poesia Romântica. Aqui, Heidegger recobra que a *memória*, pensada em sentido grego, nada tem a ver com “a capacidade imaginada pela psicologia de conservar o passado na representação” (HEIDEGGER, 2012, p. 118). Neste ínterim, o filósofo desdobra-se sobre como a *memória* constitui a fonte da poesia, tendo em vista que o canto poético, tão caro à formação grega, só tem o poder de revelar o conhecimento sobre o mundo a partir do conceber da *memória*, que permite vigorar o pensamento que se concentra na lembrança. Tudo para nos mostrar que, mesmo que o fazer científico seja uma maneira de assegurar conhecimento sobre os fenômenos, não é o único, sendo incapaz de desaguar em um saber que vá para além daquilo que a lógica nos informa.

Não obstante, na conferência *Ciência e Pensamento do Sentido* (1953), Heidegger alerta, de início, que enquanto não tomarmos o devido distanciamento do modo de pensar e operar científico, não haveremos de aclarar sobre o que repousa a essência da ciência. Para tanto, é preciso abandonar a ingênua ideia que hoje se sustenta de que a ciência é uma mera *produção* cultural humana. Pois, ainda

que a ciência pertença à cultura, no caráter de atividade criadora de um povo, e que na cultura o fazer científico seja entrementes valorativo, “nunca haveremos, porém, de avaliar o alcance da essência da ciência enquanto a tomarmos apenas neste sentido cultural” (HEIDEGGER, 2012, p. 39). Isto, pois, assim como ocorre com a arte, a ciência não é somente uma laboração humana, mas um modo próprio de representação de mundo a que devemos parte do nosso conhecimento sobre as coisas. A maneira como nos movemos hoje na realidade ampara-se na representação científica. Afinal, não é preciso um olhar afinado para perceber que a ciência atingiu uma projeção planetária, permeando nosso modo de existir na vida política, na educação, na indústria, na filosofia e no senso-comum (HEIDEGGER, 2012).

Com isso, para compreendermos o horizonte em que se encaminha a ciência, é preciso, de antemão, elucidarmos como se origina e opera a atividade científica. Assim, seguindo os passos trilhados por Heidegger na conferência *Que é isto - a filosofia?* (1955), ponderamos que a maneira de pensar que desemboca no operacionismo científico surge na Grécia antiga, milênios antes da efetiva ascensão da ciência moderna, com o passo preparado pela sofística. Vejamos: Heidegger assevera que a palavra *philósophos*, cujo significado hoje diz “amor a sabedoria”, teria sido criada pelo pensador originário Heráclito. Para Heráclito, diferente do que é hoje, o *philósopho* não era aquele que amava o “*sophón*”, a sabedoria, mas aquele que estava em harmonia com o “*Lógos*” e que com ele se correspondia numa recíproca integração. Para tanto, era mediante a abertura do espanto, do *thaumazein*, que o pensamento originário pensava o desvelamento do ser na presença (HEIDEGGER, 1979).

Com o passar dos tempos, o termo filósofo sofre com variações de sentido, na medida em que os gregos, sobretudo os sofistas, deixam de contemplar com espanto a manifestação dos fenômenos. Neste ínterim, os pensadores passam a desejar o *sóphon* e, neste desejo, que é determinado por Eros, lançam-se à perseguição da sabedoria. Com isso, fazem surgir a questão: que é o ente, enquanto tal? Estendendo-a para tudo há no mundo, a exemplo: Que é o homem? Que é o espaço? Que é o tempo? E é a partir deste modo de colocar a questão que se concebe o nascimento filosofia, ou seja, o nascimento daquela que ao perguntar

pelos entes, acredita deter os domínios do saber oferecendo uma explicação compreensível para tudo (HEIDEGGER, 1979).

Por conseguinte, o pensamento que se atém à entidade do ente, cuja origem se dá especialmente na meditação socrático-platônica é, para Heidegger, uma técnica: “[...] um processo de calcular a serviço do fazer e operar. Nesse processo já se toma o cálculo em função e com vistas à práxis” (HEIDEGGER, 1995, p. 26). Isto ocorre devido a necessidade de a filosofia justificar sua existência diante das ciências, pois, para não perder sua importância e ser julgada irrelevante, a filosofia, principalmente na modernidade, persegue o modo de fazer e operar científico, atendo-se à lógica e a exatidão técnico-teórica dos conceitos. Para Heidegger, no entanto, o elemento essencial do pensar é o ser, uma vez que “[...] o rigor do pensamento se edifica na medida em que seu dizer permanece, exclusivamente, no elemento do ser e deixa vigorar a simplicidade de suas múltiplas dimensões” (HEIDEGGER, 1995, p. 27).

À vista disso, na conferência *Ciência e Pensamento do Sentido* (1953), Heidegger defende que a ciência é a teoria do real, salientando que tal sentença não se reduz a uma fórmula ou uma ideia acabada sobre o que é a ciência, mas busca dar vida ao pensamento pelo modo do questionamento. Assim, Heidegger enfatiza que tal caracterização, de ciência como teoria do real, cabe somente para o que hoje se designa como *ciência moderna*, que é demasiado distinta da ciência antiga e medieval. Com isso, retornando à frase, o filósofo se debruça sobre um exercício etimológico das palavras real e teoria, demonstrando, em princípio, o sentido de ser do real enquanto objeto das ciências. Seguindo a acepção moderna, o real corresponde ao ente que se presentifica na vigência, ou seja, que se consolida numa posição de certeza se opondo às meras aparências ou coisas mentais. Não à toa, em nosso contemporâneo, o termo real é compreendido como sinônimo de certo, seguro e factual ou, como diria o físico Max Planck, “real é o que se pode medir”.

Mas e quanto a teoria, o que diz essa palavra? Heidegger ressalta que este é um termo que advém da composição de dois étimos gregos, cujo sentido originário diz “o perfil em que alguma coisa é ou se mostra”, isto é, o modo de representação do vigente e a forma como ele se apresenta. Os romanos, todavia, traduzem teoria

por *contemplari*, adquirindo uma significação completamente distinta da originária, pois *contemplari*, do latim, que dizer “separar e dividir uma coisa num setor e aí cercá-la e circundá-la” (HEIDEGGER, 2012, p. 46). Os alemães, por outro lado, traduzem *contemplari* por *Betrachtung*, que significa observação ou consideração. Deste termo advém a expressão *Trachten*, que quer dizer prender, aspirar a algo ou, em outras palavras, perseguir uma coisa e dela apossar-se (HEIDEGGER, 2012). Diante de tais esclarecimentos, entende-se, portanto, a relação anteposta por Heidegger, de que teoria é uma elaboração do real que dele se apodera para construir a sua própria narrativa.

Como postulado por Heidegger, “a ciência põe o real” e, por isso, é absolutamente intervencionista, pois dispõe de um conjunto de métodos e operações que provoca e domina o real para alcançar efeitos previsíveis (HEIDEGGER, 2012). Neste ponto, é importante assinalar que quando o pensamento se afasta do elemento do ser e se transforma em teoria, deixa de ser originário e passa a tão somente a proceder por cálculos, recaindo em um dos aspectos essenciais do *modus operandi* da ciência moderna: a calculabilidade. Isto posto, cabe assinalar que a ação de calcular não se reduz a operação com números, pois abrange toda forma de observação, consideração e expectativa de alcançar efeitos previsíveis mediante a aplicação de leis e métodos deliberados que ensejam resultados exatos e objetivos. A este ato de interpretação próprio da teoria do real, Heidegger denomina pensamento calculador (HEIDEGGER, 2012).

Destarte, na meditação heideggeriana, há um esforço em demonstrar que a assumida crença na indubitabilidade dos conceitos por parte das ciências aponta para os dogmatismos sustentados nesta área do saber, uma vez que ao alcançar a ideia geral do ente, este torna-se inquestionado. Por isso, a linguagem científica lida constantemente com preconceitos e representações irrefletidas. Essas representações e preconceitos não são indagados pelas pessoas que os defendem, pois, contemporaneamente, a ciência tomou uma proporção tamanha que alçou o título de detentora da verdade, tornando-se a nova religião (HEIDEGGER, 2009).

Assim, encerramos por dizer que a proposta de Heidegger com a fenomenologia visa a construção de um caminho de pensamento no qual o olhar que pensa deve manter-se aberto ao fenômeno, abstendo-se de conclusões

intrínsecas ao pensamento calculador. A intenção desta proposta, no entanto, não é criar filósofos, mas tornar as pessoas atentas àquilo que não é prontamente acessível. Como diria Heidegger:

Vivemos numa época estranha, singular e inquietante. Quanto mais a quantidade de informações aumenta de modo desenfreado, tanto mais decididamente se amplia o ofuscamento e a cegueira diante dos fenômenos. Mais ainda, quanto mais desmedida a informação, tanto menor a capacidade de compreender o quanto o pensar moderno torna-se cada vez mais cego e transforma-se num calcular sem visão (HEIDEGGER, 2009, p. 109).

Este “calcular sem visão”, com efeito, é o que hoje nos distancia daquilo que nos falta: o pensamento do sentido. Assim, importa dizer que pensar o sentido é diferente de tomar consciência de algo, vislumbrando os entes com clareza objetiva ou buscando sua utilidade. Pensar o sentido difere também do conhecimento formal, adquirido em instituições de educação, pois estes se constroem com referências em modelos e ideais comuns. Mas o que é, então, o pensamento do sentido? Para Heidegger, é caminhar em direção àquilo que é digno de ser questionado, retornando ao lar mediante a retomada do caminho do nosso acontecer histórico, admitindo a inutilidade daquilo que se pensa e reconhecendo que é esta inutilidade que não se deixa contabilizar (HEIDEGGER, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face à questão assumida para nortear este estudo, optamos por concentrar a nossa investigação nas preleções *O que quer dizer pensar?* (1952), *Ciência e Pensamento do Sentido* (1953) e *A Questão da Técnica* (1953), em que Heidegger aprofunda as noções de “pensamento calculador”, “pensamento do sentido” e onde perfaz uma caracterização de Ciência Moderna. Para tanto, consideramos reforçar a temática aqui desdobrada utilizando como aporte outras obras tardias em que o filósofo as aborda, tais como *Seminários de Zollikon* (1959 - 1969) e *Sobre o Humanismo* (1946). Em suma, neste empreendimento, nos dedicamos em permear as conjunturas do fazer historial que culmina no modo de pensar e operar científico, cuja essência de pensamento brota com o nascer da filosofia, mas só vem

a se revelar e se fortificar na modernidade, quando a ciência, atingindo uma projeção planetária, torna-se modelo de conhecimento e uma “nova religião”.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. *A Questão da Técnica*. [Ensaio e Conferências]. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Ciência e Pensamento do Sentido*. [Ensaio e Conferências]. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Entrevista concedida por Martin Heidegger ao Professor Richard Wisser. *O que nos Faz Pensar*, n. 10, v. 1, p. 11-17, 1969 - 1996.

HEIDEGGER, Martin. *O Que Quer Dizer Pensar?* [Ensaio e Conferências]. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Que é isto - a filosofia?* São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

HEIDEGGER, Martin. *Seminários de Zollikon*. Trad. Gabriella Arhhold; Maria de Fátima de Almeida Prado. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o Humanismo*. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1995.

KAHLMAYER-MERTENS, R. S. Da sentença heideggeriana: A ciência não pensa. *Anais da II Jornada Científica do UNIPLI*. Niterói: UNIPLI, 2005, p. 73-78.

ZARADER, M. *Heidegger e as palavras de origem*. Trad. João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.